

UMA LEITURA DE "QUASE PÁSSARO"

Maria Francisca Oliveira Santos

Considerando a obra de arte como um grande texto que se caracteriza pelo comprometimento do seu significado com a situação e não pela sua extensão, pois o texto "pode ter qualquer extensão desde uma simples palavra até o conjunto de frases" (Orlandi, 1983:147), aceita-se que QUASE PÁSSARO, de Vera Romariz só se tornará um real texto, uma obra de arte autêntica, mesmo estando voltado aos problemas sociais vigentes, se extrapolar o nível do leitor-autor, vez que o autor é o primeiro leitor do seu texto, indo ao encontro de outros leitores, efetivando-se assim a leitura: "... momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação" (Orlandi, 1983:180).

O livro em evidência denomina-se "QUASE PÁSSARO" de Vera Romariz (professora de Criação Literária e de Literatura Brasileira, do LCV, da UFAL), capa da Profª Célia Campos (do Departamento de Artes, também da UFAL), impresso pela IGASA em 1986, é constituído de 3 partes:

- 1ª. Memória,
- 2ª. Circunstância e
- 3ª. Espelho (Ohlepse).

A primeira parte MEMÓRIA apresenta 4 poemas: "Ano Novo, vida Nova?", "Explosão e Silênciã", "Ausente" e "Permaneces".

Nessa parte, a autora enfatizou o aspecto visual, dispondo a palavra Memória em linha vertical numa justificativa de que ela (autora) se volta às reminiscências estranhadas em seu ser como parte de si, para fazê-las

explodir no papel. O que é memória? Segundo Aurélio, é a "faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente". É o que se vê retratado: a autora volta-se a um passado que lhe foi presente, também futuro, tornando-se o motivo do ato de sua criação, corporificando-se pela ação presente e viva do fazer literário, constituindo ponto de reflexão e foco de interesse. Nessa perspectiva, Memória enfatiza uma categorização evidenciada pelo que opõe o presente ou não-presente, entendendo-se pelo primeiro o momento de "agora", isto é, o momento presente do enunciado produzido; no último, estão incluídos o passado (antes de agora) e o futuro (depois de agora).

Nessa parte, a autora revive a festa de ano novo, a lembrança materna e o seu pai presentificando no poema "Permaneces". Mescla os tempos verbais, para que se tornem bem vivos em suas lembranças, como se pode ver nos exemplos:

ANO NOVO, VIDA NOVA? (p.11)

"O queijo do Reino como troféu
o champanhe nacional
Os perus anualmente mortos
consumidos entre risos
falavam da tribal alegria
de comer e sorrir entre amigos".

AUSENTE? (p.15)

"Você falava da morte
Como quem aguarda o momento de sentar-se
exausto
e essa rude psiquiatra dos próprios
conflitos
sorrisia cética como quem ouve irreverências
infantis".

PERMANECES (p.17)

"No gosto pela palavra
que cultivavas como quem cuida
de pássaros canoros
Nas rolinhas que ciciam".

A autora, ao usar suas assertivas no imperfeito (aspecto inconcluso), torna-as tradutoras de ações, sendo, pois, um espetáculo a que se pode assistir. É um artifício lingüístico que não só designa idéia temporal mas espacial. Afirma Jean Pouillon "... não se trata de um sentido temporal mas, por assim dizer, de um sentido espacial; ele nos distancia do que estamos olhando" (1974:115). Ora, se o imperfeito tem a característica de tornar presentes fatos vividos por alguém, em Memória estão em evidência fatos passados que são presentes e futuros e que para o eu-lírico constituíram o presente do fazer poético. É o presente a gênese do tempo, isto é" ... não é um resíduo da temporalidade: é a sua fonte" (Pouillon, 1974:117).

A segunda parte denominada CIRCUNSTÂNCIA evidencia o compromisso mais evidente da autora com sua linha ideológica. É essa ideologia demonstrada pela fala do eu-lírico que evidentemente, ao emitir suas idéias sobre:

- a) mulher (Velha flor, Flor doméstica);
- b) o menor abandonado (Quase pássaro);
- c) situação habitacional (A Porta) e outros, repete conceitos e vontades que existiram anteriormente, vez que sua fala, por ser ideológica, não lhe pertence individualmente, mas ao grupo social donde proveio.

Nesse sentido ainda, observa-se o cultivo de certos valores, tais como: o valor da amizade (Folhas de fumo), o valor da família (As avós) e outros.

CIRCUNSTÂNCIA apresenta poemas que têm o poder de mobilizar as pessoas-leitoras e as massas. Observem-se, por exemplo, os dois textos: Velha flor e Flor doméstica: no primeiro, descortina-se uma mulher marcada pela linha do tempo; no segundo, essa mesma mulher se repete, isto é, a mulher do lar, sendo caracterizada pela neutralidade, pela falta de opinião:

"é a palavra que não aprendeste a dizer
feito máquina que não se pergunta
feito mesa que não reclama seu espaço
feito cadeira que se amolda à forma", pág. 23. O que diferencia o personagem de "Velha flor" da "Flor doméstica" é que no primeiro poema, o eu-lírico convida es se personagem para uma mudança de visão de mundo:

"Faze que tua mente se elasteça
como tua barriga de mulher
porque ele é o ingresso, é a moeda, é o passe
e nada te foi gratuito, bem o sabes
Ressuscita o latido das cadelas contentes
Os gemidos de prazer das gatas noturnas" (p.21)

A terceira parte chamada Espelho é a da introspecção em que se poderia imaginar a ação refletora do espelho. É o momento em que os medos, as angústias, as amarguras, as alegrias do eu-lírico vêm à superfície, havendo um desnudamento, um despojamento para um retomar depois. O eu-lírico volta-se sobre si como em "Fronteira", denominando-se possuidor de "gosto de nuvem" e o outro, seu companheiro, "gosto de terra".

Apresentado o livro, deter-me-ei na análise do texto CARACOL. A sua escolha deve-se ao fato de ter havido uma real interação entre leitor/autor mediada pelo texto, estabelecendo-se uma empatia, por se ver o leitor representado na figura desse personagem - Caracol.

CARACOL

Carregado de livros, caracol
andas pesado
rolando superfícies desiguais
grimpando encostas nunca findas
Na sala de carteiras - árvores
te ergues e brandes a espada-palavra
que surge forte da guerra em hipótese

As crisálidas tontas te escutam
e te supõem borboleta a voar
em céus sem limites
pouco sabem de teus medos
do teu corpo em círculos
e os livros no dorso
Esperam em vão coelhos
de um truque antigo
e nada sabem das gotas de suor
que umedecem tua cartola

Carregado de livros, caracol
andas pesado
rolando superfícies desiguais
grimpando encostas nunca findas
Por dentro da camisa quase rota

Tua cabeça irrompe com as antenas
dos olhos
que fotografam as cores do mundo
e o representam no quadro
para as crisálidas leves e ansiosas
E o pânico te espreita
pois o mundo ultrapassa tuas antenas
e teus dedos sujos de giz

Os livros são a bengala
dos teus medos
O anteparo entre tua espada-palavra
e as crisálidas que irrompem
buscando ares
mas o pânico te espreita
pois o que esperam de ti
ultrapassa os livros regras e margens

Carregado de livros, caracol
deixa-te penetrar pelas antenas
mais jovens
e engravida-te com o sal
dos tempos novos
parindo crisálidas que te mostrarão
a saída dos círculos

Num primeiro momento, observa-se que o texto é constituído de uma grande matáfora Caracol que é o protótipo da figura do professor, havendo entre ambos a semelhança gestual, física e circunstancial, que aparece no transcorrer do discurso poético.

Na primeira estrofe, hipoteticamente o personagem surge como herói que desbrava mundos desiguais numa luta sem tréguas em função daquilo que considera real e verdadeiro.

Prosseguindo a sua marcha, onde se descortinam "céus sem limites", "gotas de suor", isso constitui o resultado do esforço físico, intelectual e emocional para atingir "coelhos" e "borboletas" que escapam da sua visão sistematizada e organizada do mundo.

Mas, mesmo tendo consciência de que a luta é árdua e permanente, o caracol e o professor não recuam, ao contrário, adotam uma nova postura, como o próprio poeta

afirma: "Tua cabeça irrompe com as antenas dos olhos", "pois o mundo ultrapassa tuas antenas".

Há uma necessidade de alargar os seus horizontes, pois a vivência "ultrapassa os livros, regras e margens" e desemboca numa cosmovisão mais ampla que o livro teórico não consegue descortinar.

Novos mundos, novas cabeças, novas idéias e a necessidade de adaptação desse novo mundo, desse engravidar "com o sal dos tempos novos" faz com que o caracol se desenrole e se deixe penetrar pelas novas antenas da civilização.

A reiteração observada em: "Carregado de livros, caracol...", na 1ª estrofe denota o professor frente às dificuldades inerentes à sua atividade profissional; na 3ª estrofe - verifica-se que o conhecimento é superior aos seus limites e, finalmente na última estrofe: a proposta de que é necessário sair do casulo atingido pelo novo sal e parir novas crisálidas.

Gostaria de deixar registrado aqui que falar de um novo escritor é uma tarefa que apresenta algumas dificuldades pelo risco de surgirem ilações decorrentes dos laços afetivos e contemporâneos que ligam o crítico ao poético.

BIBLIOGRAFIA

- AVERBUCK, Lígia Morrone. A Poesia e a Escola. In ZILBERMAN, Regina (org.) Leitura em Crise na Escola. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- MARCONDES, Ciro Filho. Ideologia. 2ª ed. São Paulo: Global, 1983.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A Linguagem e seu funcionamento. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROMARIZ, Vera. Quase Pássaro. Maceió: Igasa, 1986.

POUILLON, Jean. O tempo no romance. São Paulo: Cultrix,
1974.